

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDATOR-GERENTE: RÓDOLPHO FELIPPE

Redação e administração
L.A. DEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 105000 -- Semestre 53000
Número avulso \$200 -- Pacote: 12 exemp. 25000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados a Caixa Postal, 103
S. Paulo - Brasil

Os trabalhadores e suas agrupações

O movimento corporativo sindical precisa ter um caráter permanente, constante, assíduo, ininterrupto. Ao contrário do que tem sido até agora, momentâneo, emergente, ocasional, alternado, ele deve ser persistente, pertinaz, contínuo, aturado, o futuro para onde converjam todas as atividades, todas as esperanças dos trabalhadores. A associação deve ser o lugar de reunião de todos aqueles que lhe dediquem as suas atividades. Os consurgem todos os seus ócios, lhe reconhecem toda a honradez e finalidade e onde se refugiam das atrações banais que os cercam e lhes acenam para lhes arrebatá-lo o dinheiro e a saúde.

Deve ser um centro de estudos sociais onde os bons amigos se encontrem, onde haja livros e jornais que possam ser lidos e consultados, delectando e instruindo o espírito simultaneamente. Os burguezes têm os seus centros, as suas associações, as suas federações onde conspiram contra o socorro e os interesses físicos, economicos e morais dos trabalhadores; têm os seus clubes onde se encontram para seus divertimentos ou para assuas jogatinas!

Pois os trabalhadores precisam ter também os seus recintos associativos, modestos, é verdade, como de gente pobre que são, mas onde não falte o jornal, o livro, a brochura, onde discutam os seus interesses coletivos, onde possam até tomar o seu café, onde organizem as suzs palestras educativas ou de orientação, para não serem tomados de surpresa e terem de tudo fazer à pressa, de tudo improvisar sem o necessario preparo, quando o tempo urge e os acontecimentos se precipitam.

É muito comum, após um movimento fracassado, após uma arremetida policial, assistirmos ao esfacelamento das associações. Mas isto é necessario que se não repita. A guerra tem alternativas, a luta tem seus revezes, seus altos e baixos. É preciso aceitar a derrota com o mesmo estoicismo, com a mesma serenidade com que adquirimos a vitória. Quando da guerra franco-alemã, em 1870, uma patrulha alemã aprisionou um francez que cortava os fios telegraficos.

Preso o homem, o chefe perguntou-lhe: — «Se te soltássemos, que irias fazer?»
O francez prisioneiro, re-

pondeu-lhe: — «Iria recomendar o mesmo trabalho».

Quer dizer, iria recortar os fios, como antes estava fazendo. Foi fuzilado. Mas que a lição não fique perdida.

O trabalhador derrotado momentaneamente pelas forças adversarias, mal readquirir a liberdade de movimentos, deve recomençar a luta, o trabalho pelas conquistas que lhe respeitam, deve reiniciar o esforço pela sua propria emancipação.

Sempre de espada em riste na defensiva para desviar os golpes contrarios, os ataques adversarios ao seu pão, ao seu socego, as possibilidades de um futuro mais suave e risuolho como é de justiça que lhe advenha.

Não tem que distrair-se um momento sequer. O inimigo não dorme e esprieta as ocasiões mais oportunas para nos desarmar e inutilizar. Vigilancia atenta, cuidado rigoroso a toda hora. Sempre alerta e de atalaia. Nada de cansaço e de desanimo. Para ganhar o sustento, um magro salario um homem caminha durante, 40, 50, 60 anos, desde que nasce quasi até a morte, por assim dizer, para a labuta diaria.

Pelo menos não desiste do trabalho, não deserta da obra, não abandona a oficina. E que não ha outro remedio. A conquista do pão diario a isso força, a manutenção da familia a isso obriga e impelle. Pois a par da conquista do pão, ha a necessidade da luta persistente para a conquista da liberdade, sem a qual todo o pão é amargo, todo o alimento é azedo e intragavel. E isto não só para preparar o surto de novas conquistas, de novos horizontes, de novas melhorias, mas para tambem garantir aquele minimo de regalias já usufruidas e que se perdem se não as cultivarmos e defendermos instante e permanentemente.

E se assim não fizerem só prejuizos lhes advirão. Seus esforços serão estereis emquanto torem fragmentarios, dispersivos e desconcatenados. Roma e Pavlão se fizeram em um dia. Ninguem alcança o que deseja, o que precisa, o que lhe é necessario, numa única investida, numa simples arrancada. Mas sim conforme os esforços feitos, segundo os necessarios estudos, as tentativas reiteradas, as ocasiões e as oportunidades lhe ofereçam margem para o exito. Os nossos inimigos têm por si as tradições milenarias, têm a ri-

queza, têm as instituições governamentais, têm a grande imprensa na sua totalidade, têm as forças armadas, têm a religião que embrutece e a escola que mistifica e desarma e, apesar de tantas vantagens, não estão seguros do dia de amanhã e tratam de reparar as brechas abertas no seu edificio e de reforçar todas as muralhas esburacadas, e procuram todas as traças, manhas, astucias e trações para nos poderem burlar, enganar, iludir, derrotar, vencer.

É portanto urgente e necessario que os trabalhadores uni-

dos, fortes, coesos e concientes, organizados, associados, agrupados, orientados e convictos, respondam a astucia com astucia, a golpe com golpe, a manobra com outra manobra, desmascaramo e inutilizando todos os embustes, todas as ciladas que nos são armadas com o fim de nos aniquilar e derrotar e, isto, incessantemente, durante a vida inteira, até ao advento da Revolução Social, unica que dará satisfação aos nossos anseios de justiça e liberdade, estabelecendo a paz e a igualdade na Terra.

Centro de Cultura Social

Com este nome e com o intuito de divulgar entre o povo e os trabalhadores os conhecimentos das modernas concepções sociais, científicas e filosóficas, acaba de constituir-se nesta capital uma entidade cuja inauguração será efetuada hoje, sabado, 14 de Janeiro, ás 20 horas, no salão da rua Quintino Bocayuva, 80.

A Comissão convida para este ato todos os sindicatos, sociedades culturais e populares, a imprensa liberal e da vanguarda, bem como a todas as pessoas a quem possa interessar e ao povo em geral.

Entrada franca.

A COMISSÃO

Vida Intima

Entre nós, uma convenção tornada costume quer que se separe o homem público do homem privado. Sêde brutal e sem escrúpulos em vosso lar, fazel sofrer vossa mulher e vossos filhos, entregai vos aos debochos mais crapulosos, nada de nós importa! A intimidade da vossa vida permanecerá coberta por um véu sagrado e os tribunais lá estão para punir o audacious que tantasse levantá-lo. Este cuidado de proteger a vida intima de cada qual contra os olhares indiscretos dos maievolos e dos invejosos legitima-se quando se trata de simples cidadãos. A maldiciencia e a calunias envenenam já demasiadas existencias para que haja utilidade em conceder uma gratificação a delação. Aquele que não aspira a mandar aos outros não tem que sofrer suas criticas.

Quando se trata, porém, de um homem que aspira a tornár-se arbitro do destino dos outros, esse respeito pela vida privada não tem mais direito de ser. Qualquer tem o direito de ser informado da moralidade profunda do legislador e do juiz que dispõe dos bens da honra, da vida mesma dos seus concidadãos. Não é inadmissivel que os governantes,

cujos menores desejos têm repercussões tão temiveis, pretendam subtrair-se ao controle dos fatos e dos gestos mais reveladores de sua verdadeira mentalidade? E dizer que os diversos partidos politicos estão acordes em perpetuar esta sinistra farça! Um tal estado de espirito não é revelador duma corrupção universal e duma combinação inconfessavel para permitir aos politicos a continuar na terra pregando a virtude?!

Ao inverso de nós, os antigos recusavam-se a crer que um homem fosse capaz de gerir honestamente os negocios da coletividade, quando sob o seu proprio teto esquecia a moral e a dignidade. Os cidadãos de Esparta estavam, mesmo em sua casa, sob a vigilancia dos *eloros*; os reis não foram mais poupados que os outros e a lista dos que foram punidos por motivos de ordem intima é longa. Em Atenas abria-se um inquerito severo a respeito da vida e da honradez dos candidatos ás funções senatoriais. Era habitual o inquerito antes de qualquer investidura em cargo publico. Hoje admite-se que um mesmo homem possa ter dois rostos, que negue em casa o que afirma na praça pública. Não será isto favorecer a hipocrisia e a corrupção?!

L. BARBEDETTE

OS SINISTROS CONLUIOS

Do nosso confrade «O 5 de Julho» de Niterói, n. 127, referente a 2 de Janeiro, reproduzimos com a devida vénia o que segue:

Processos do terrorismo

«A benedignidade com que o governo tem tratado os reacionarios paulistas, longe de os induzir ao caminho da prudencia, tão aconselhavel nesta hora de crise economica, parece que mais os encoraja no delirio de sangue para a reconquista, do poder.

A policia federal descobriu que os reacionarios paulistas haviam organizado uma série de atentados terroristas, visando vários personagens de destaque da Ditadura, inclusive no nosso estado».

As medidas preventivas

«Sabia-se, mais, que havia uma caixa poderosamente guardada para custear esses atentados e até o «quantum» estipulado para o pagamento dos taboas».

Na policia do Estado do Rio teve-se conhecimento do fato mais ou menos ás 9 horas da noite de 25 de Dezembro. Imediatamente foi organizada a vigilancia em torno da residencia particular da dita autoridade visada pelos terroristas.

Por volta de 1 hora da manhã, na segunda ronda que uma autoridade policial fazia a pé, no trecho da rua Mem de Sá, entre a Avenida 7 de Setembro e o Campo de S. Bento, divisou afinal neste ultimo logradouro publico um automovel suspeito, do qual procurou aproximarse. Os individuos que vinham no carro, porém, puzeram-no em marcha a grande velocidade, passando mais adiante pelo automovel da policia, o que lhes fez suspeitar estar o plano descoberto.

Sendo o carro policial de muito menor potencia que o dos terroristas, não foi possível organizar em seguida a perseguição, sem ao menos reconhecê-los, podendo-se apenas verificar que eram em numero de oito.

A policia já tem, porém, conhecimento perfeito da origem dos recursos monetarios de que dispõem os terroristas decanidos, os quais não tardarão a ser desmascaramos. Sim, é verdade. O odio jesuítico não perdura. Tudo farão, de nada recuarão, para se apoderarem de novo do poder. Parâ isso eliminarão até aqueles que se lhes opõem e que os embaraçam. Não foi para outra coisa que desencadearam aquele horrivel ciclone destruidor e mortifero que avassalou, subjugou e acabrunhou, durante 20 dias, toda a população brasileira.

A imoralidade da confissão

É extremamente lamentável que, em pleno século XX, ainda se note tanta falta de raciocínio numa grande parte da humanidade! Dizemos «falta de raciocínio» porque só assim se explica o procedimento infantil de certas pessoas, tidas como cultas e sinceras.

Há criaturas que consideram a confissão uma coisa, não só razoável, como necessária e absolutamente eficaz!!! Santa ingenuidade... Então as religiões que não têm esse preceito são incompletas, inúteis, ineficazes, falsas, exploradoras, etc., etc.!!!

Senhores, a confissão não vale nada, pois, se Deus existisse, não poderia legar poderes de absolvição em homens pecadores. Sim, em homens que no próprio confessorário cometem crimes aviltantes. Que poderes tem o padre para absolver essa ingênua humanidade? Acaso não são eles, não o foram sempre, homens iguais aos outros?

Dir-me-ão que o sacerdote é o representante de Cristo, de Deus, aqui, na terra. Ou, ainda, que ele é um subalterno do Papa, e que este é inspirado pelo Espírito Santo. Mas, de qualquer maneira, é imensamente triste que Cristo, Deus ou o Espírito Santo — sim, esses 3 que por milagre são iguais a 1... — somente em 1215 tivessem pensado... em instituir a célebre confissão!!! Será que Deus também é esquecido, falível ou falhado?... Deus onisciente, misericordioso e outras coisas mais... esqueceu-se de acrescentar nos evangelhos, e, provavelmente, naquele inolvidável discurso... no deserto... o dogma da confissão!!! Que barbárie! Pobres cotilões falecidos nos doze primeiros séculos da nossa era! Cotilados...

Com certeza suas almas não foram «direitas» para o inferno! Sim, nesse tempo não havia confissão! Que pena! Brezinhos! Paciência. *Errare humanum est*. Mas Deus não é humano, é coisa mais alta... é divino. Sim, sim, mas quando erra não é divino, ora essa... Não vemos absurdo nisto, é uma simples maneira de ver. Pequena questão de filosofia...

As moças não contam a seus pais o que conhecem, sentem ou fazem em sua vida íntima. Poderão dizer a uma amiga, mas ao pai, à mãe, ao irmão; crêdo, que vergonha! Cruzes, avemaria! Contar a papai certas coisas... Deus me livre. No entanto, as moças e as esposas contam ao padre — homem como os outros e solteiro — o que são incapazes de confessar ao pai ou ao marido!!! E o pior é que, por vezes, nestas confissões, as virgens perdem sua honra e as esposas seu pudor!!! Não falemos das viúvas, porque estas têm menos responsabilidade... As pessoas que reputam as cinzas dos mortos são poucas. (Superficialmente analisado parece o tanto ignóbil da hipocrisia e vemos nossa realidade confirmando isso acerto).

Julgamos desnecessário enumerar casos de seduções, assim como de adultérios, cometidos dentro das igrejas, prin-

cipalmente nas sacristias. Mesmo porque são, talvez inumeráveis. A história está cheia deles. Mas deixemos a história e lembremos um, como exemplar, ocorrido há mezes na céla dum padre, no Convento de Santo Antonio. Mas para que?... Sómente duas gazetas deram publicidade ao escândalo... E depois, o que tem de extraordinário que um padre ou frade desonrasse uma menor em sua própria céla? Não tem nada de admirar...

Devemos acrescentar, por questão de lealdade, que, embora contra a vontade dos superiores do Convento de Santo Antonio, o padre deplorado abandonou a negra sotaina e casou com a jovem, com a eleita do seu coração... Este, apesar dos pesares, ainda pertence ao número dos poucos sacerdotes justos ou bons. Pior do que ele, foram os superiores do Convento, que se opuseram ao casamento do padre deplorado!

Os padres fazem perguntas indecentes tanto às moças como às esposas, às viúvas, e até aos homens; principalmente aos meninos de 10 a 14 anos!!! Sei que muitas jovens negam a veracidade de tais interrogações; mas essas ou são mentirosas ou somente se confessam a padres velhos e castes, meus amigos, já perderam a vontade de fazer perguntas escabrosas...

Eu sou homem, e as duas vezes que me confessei, a primeira aos 9 anos e a segunda aos 14, o padre, apesar de velho, fez-me perguntas indignas que meu pai jamais me fizera!!! E eu era garoto, calculem os leitores se fôsse uma missa...

Não estas as belezas da confissão. E os católicos não as vêem! Não compreendem que se trata dum expediente da igreja católica afim de saberem da vida alheia; de apunharem uns patacos das belezas ricas que parecem; ou então uma terrível arma política, espécie de espionagem que, embora covarde, é valiosíssima!

Eternos doentes, eternos ignorantes ou eternos hipócritas?

Não vêem que a maior prova da inutilidade da confissão é, como se disse acima, o fato de somente em 1215 ter sido ela instituída? Acaso não sabem que foi o Papa Inocencio III, no concílio de Latrão, que instituiu essa e outras belezas!

Crentes de todas as religiões, pensei, na finalidade dessas religiões; meditei nas incoerências que todas têm; comparei a onipotência, onisciência e a misericórdia divinas com o que vêdes na vida. Raciocinai um pouco e vereis que é impossível a existência de qualquer Deus. Lembrai-vos que todas as religiões aprégam, o seu Deus como o único verdadeiro, e, no entanto, existem diversos!... Lembrai-vos dos milhares de crianças que morrem por causa dos terremotos, dos furacões, das transbordações dos rios. Lembrai-vos dos raios, das granadas, etc., etc.; e não vos esqueçais que, segundo as

religiões, Deus observa tudo isto e que elas o classificam de misericordioso, onipotente e tantas mentiras infantis!!!

Leitor, se bom, por amor à bondade; se justo, por amor à justiça, mas não por temor de Deus ou do Diabo.

Eu sou justo porque amo a justiça; não humilho ninguém porque odeio a humilhação. Sou assim, há já alguns anos, e, no entanto, não acredito nas fábulas divinas ou nas satânicas.

Para sermos justos não precisamos acreditar nas boboseiras teológicas. Se somos corretos é porque assim somos determinados.

Rio de Janeiro, dezembro de 1932.

A. HERNÁNDEZ JARDIM.

A solidariedade da gente "bôa"

Li na imprensa burguesa, num destes dias, uma notícia que deveras me chamou a atenção. Em Santos, um grupo de senhoras, entre as quais havia poetas declamadores e não sei o que mais, pretendia levar a efeito um espetáculo num salão qualquer, não lembro se teatro ou associação recreativa, cujo benefício receberia em favor dos «pobres» exilados políticos, dizia assim a notícia, «para mimorar-lhes as agruras do exílio». Está certo. Nada mais razoável do que esse ato de solidariedade entre os humanos seres, mormente em se tratando de «gente bôa», pois entre os chamados representantes da elite social a camaradagem sempre foi um fato compreendido, como um dever social em observância aos preconceitos de irararua estabelecidos pela sociedade burguesa e aos quais toda essa gente presta obediência reverente, não por um dever de sentimento humano, não por um princípio de elevação moral ate a dor alheia, que neste caso não existe, mas sim por uma praxe estabelecida onde a par do exibicionismo de salão, «cumpre-se a ritua, essa ridícula noção da etiqueta burguesa, enfadonha, fútil e inocua que é o que no fundo encerra todas essas manifestações de solidariedade entre eles...»

Mimorar-lhes as agruras do exílio! Porque não se lembraram essas «aristocratas» do belo, do poético, do espiritual, de prestar seu concurso aos filhos, às companheiras e às mães, não dizem a eles, porque eram taxados de «seres monstruosos, feras» e o que quiserem mais, daquela talange infernal de trabalhadores banidos, expulsos da terra brasileira por possuírem um ideal, por pensarem de forma diferente aos mandões ou, o que é inenarrável, por pedirem um pouco de pão e um tratamento mais humano para a classe produtora? Ainda é recente o espetáculo denigrante daquelas levas de proletários que, depois de apodrearem em imundas prisões merces a fio, de onde saíam com a saúde arruinada para sempre, se ajuizaram a bordo de um navio para o estrangeiro ou então para o próprio território nacional, para essas inhospitas regiões de onde nunca mais retornam!

Porque? Porque as tais aristocratas e «senhoras» por esses mesmos cotilados que estão atualmente sofrendo as «agruras do exílio» estavam presentes a serem solidárias por esses elementos penitenciais de sociedade atual, que classifica e impõe à observância por vilégios de casta, classes, raças e níveis de indumentária? Clevelandia, narções, presidios como o «Campos», «Castelhanos», não confundam com o «Dedão» ou famoso «Beneventês» de estão já interior de todo aquele que tem acompanhado o movimento político-social de tres lustros a esta parte na terra da mais libérrima constituição que se conhece e não decaída de, essa mesma que os «nobres» exilados queriam implantar e para o que apelaram à famosa «brincadeira» a que o proletariado brasileiro assistiu e sofreu

as trágicas consequências durante 3 longos mezes de luta fratricida no ano que acabou. Pobres exilados!

Em grande numero, ricos, riquíssimos. Embarque em primeira classe; tratamento antes do embarque, diferente do que eles davam aos trabalhadores que expulsavam do território brasileiro; chegada e recepção, bastante diferente também. Que mais querem?...

Por favor: sejam íronicos, usem de sarcasmo e ao mesmo tempo cultuem a arte em todas as suas modalidades, mas não deturpem o verdadeiro sentido, o puro, o lógico manifestar desse ato tão sublime e elevado que se chama solidariedade humana!

JOÃO BUENO.

O maquinismo

Não se insistirá demais sobre este assunto capital, cuja importância cresce de ano em ano, e de que depende por um tempo imprevisto o destino dos homens.

A máquina, criada pela ciência, traz-lhe, por sua vez o seu auxílio, e a ciência produz aperfeiçoamentos na máquina. O engenho magistral, tornou-se depressa o instrumento por excelência da humanidade.

Muravilhados e cheios de receio ao despotar deste acontecimento, que diríamos se a vida, tal como será dentro de dous séculos, nos apparecesse num panorama repentino? Não o duvidemos; transformações formidáveis tudo terão renovado. O progresso tem já uma lógica fatal. A sua única incognita reside na rapidez mais ou menos grande da sua marcha.

A máquina constituirá o aparelho libertador de todas? E a maldição do Génesis: «Ganharás o pão com o suor de teu rosto» cessará de oprimir o mundo?

Será ao contrario, a máquina, o meio irremediável da escravização dos seres, oprimindo os homens com o desemprego, com a miséria, mantendo-os na estrita dependência dos grandes produtores que regularão a sua exploração, conforme os seus interesses?

O destino da máquina, está, certamente, na mão do homem. Mas a máquina está, pelo momento, à disposição quasi total dos «trusts», «concessionários» e outras associações mercantis. E eis o começo do perigo.

O maquinismo, e os banhos (que lhe devem seu desenvolvimento atual), fizeram já de alguns burguezes os donos do mundo.

Mundos de capitais imensos, dispozo por suas compras, suas participações, seu controle das principais riquezas da terra, este punhado de privilegiados representam a força verdadeira dum país. Numerosos jornais, estão a seu soldo. Por eles, preparam a opinião, publica o sentido dos seus desejos. Homens de estado, de estado ao sa-lario, de seus magnatas. E a sua política é tanto mais terrível, quanto ela se desenvolve, quanto mais se envolve, quanto mais se envolve dos partidos e das idéas.

Esses modernos monarcas não esquecem nenhuma influência, no entanto. A beneficência mesma trabalha para eles. Sabem, quando é preciso, adquirir-se filantropos e representar a caridade da caridade. Ser-lhes-á proveitosa.

Lembrem-se dos difamados apparecidos na grande imprensa, por ocasião do suicídio do rei dos fostros. Um

S. Vicente de Paula laico e opulento tinha morrido! Uma parte da verdade, contudo, appareceu. A ruína era demasiado certa. Kreuger nada mais era que um grande «escroque».

Como, por outro lado, poderiam ter esses detentores de riquezas um valor moral? A Moral tem como fundamento a consideração pela personalidade humana. Eles não fazem caso algum do seu semelhante. Servem-se dos outros para seus desígnios somente. Se qualquer homem tentar opor-se a seus negócios, morre misteriosamente. O mundo não passa dum taboleiro de damas—Algumas mãos movem o rei, a rainha, os loucos e os peões inumeráveis... Os «golpes» traduzem-se por fomes, ruínas do povo, revoluções. As rivalidades dos «trusts» formidáveis são acompanhadas de guerras entre nações. Homens aos milhares batem-se, morrem por fantasmagorias. Algumas mãos sobre o taboleiro de xadrez do mundo...

Ante a transformação incrivei da vida pelo maquinismo, a sociedade conservou sensivelmente a fôrma de há cem anos. Um punhado de possuidores confisou o progresso material; a condição da massa trabalhadora pouco mudou. Anomalia trágica, cuja deordem atual é a espoliação.

A nossa época tem o seu inimigo. O maquinismo descobriu os quadros sociais que se evidenciam cada vez e arrastam as catástrofes. Eis aí o humbral do destino.

Se uma adaptação equitativa da sociedade e do novo estado económico não poder realizar-se no decorrer do século, a máquina acabará por impôr aos trabalhadores o seu jugo de ferro, em lugar de espalhar, como deve, os óculos e o bem estar. E será de presumir que, ha série dos tempos, nunca o homem se libertará?

Se tais receios tivessem de cumprir-se, mas valeria que a máquina jamais tivesse nascido.

Adjuntaremos que os homens que sofrem não têm por si senso o numero. Outrora esse fator era preponderante. Mas, em face dum maquinismo adverso a uma conquista, o numero não significa grande coisa.—RAUL GAIN.

CONTRA O JOGO

Lembra-te do pão que roubas ao teu filho, quando perdes dinheiro no jogo. Duas grandes razões para que nunca te dês ao jogo: Se perdes, te prejudicas; se ganhas, prejudicas ao teu proximo. O homem que banca o jogo não trabalha e no entanto tem uma vida farta e regilada. É um asqueroso parasita que vive da desgraça alheia. Se as tuas mãos não jogues, pois na melhor das hipóteses, quando ganhas estás recebendo um dinheiro maldito. Não é homem aquele que não tem o dominio de si mesmo e não pôde, por isso, deixar-se jogar. O jogador desonra a Mr. Jepperde a família, porque não tem o amor de mãe, não merece a dedicação da esposa e não está a altura do respeito de seus filhos. Quando o jogo produz o desequilíbrio nervoso, degrada o homem e atrai-o à sargata da miséria moral e da penúria material.—PEDRO CHAVES.

